

## **O SINAL-NOME DE PESSOAS EM COMUNIDADES SURDAS: UM ESTUDO HISTÓRICO DA MOTIVAÇÃO VISUAL PARA OS MENINOS DO INES DE CAMPO GRANDE - MS**

Neiva de Aquino Albres (UFSC)  
neivaaquino@yahoo.com.br

Carlos Magno Leonel Terrazas (IFMS)  
carlos.terrazas@ifms.edu.br

Elaine Aparecida de Oliveira da Silva (UFMS)  
elaine.aparecida@ufms.br

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise sobre o processo de nomeação em Libras de pessoas surdas pertencentes à comunidade surda de Campo Grande - MS nos anos de 1940 e 1960, meninos ex-alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro. Insere-se no campo da Antroponomástica com base numa descrição da motivação para a criação dos sinais-nomes. Adota-se um estudo documental a partir do corpus de mais de 500 sinais-nomes catalogados de pessoas desta cidade. Descreve-se a nomeação destes meninos comparando à ampla revisão de literatura, observa-se aspectos culturais na nomeação, revelando atitudes sociais dos sinais-nomes, como característica física, profissões e regiões de origem dos nomeados.

**Palavras-chave:** língua de sinais; sinal nome; onomástica; antroponímia.

**Abstract:** This article presents an analysis of the process of name-sign creation in Brazilian Sign Language (Libras) among deaf individuals from the Deaf community of Campo Grande, Mato Grosso do Sul, during the 1940s and 1960s—specifically, boys who were former students of the National Institute for the Education of the Deaf (INES) in Rio de Janeiro. The study is situated within the field of Anthroponomastics and is based on a description of the motivations underlying the creation of name-signs. It adopts a documentary approach, drawing on a corpus of more than 500 cataloged name-signs of individuals from this city. The analysis describes the naming patterns of these boys in comparison with the broader literature, highlighting cultural aspects embedded in the naming process and revealing social attitudes expressed through name-signs, such as references to physical characteristics, professions, and regions of origin.  
Keywords: Sign Language; Name-Sign; Onomastics; Anthroponymy.

**Keywords:** sign language; name-sign; onomastics; anthroponymy.

### **1. Os sinais-nomes em línguas de sinais e a iconicidade**

Historicamente, as pessoas surdas foram excluídas do contexto social e vistas como objeto de caridade da comunidade, agrupando-se em comunidades segregadas. Nesse contexto,



os surdos eram vítimas da incompreensão da sociedade, muitas vezes pela própria família (Sacks, 1998; Ladd, 2003). Para Padden (1989) uma comunidade é composta por um conjunto de pessoas que vivem coletivamente, compartilham uma língua em um território comum, e compartilham histórias e metas em comum. O estudo dos aspectos socioculturais da comunidade surda foi possível quando aceitou-se a língua de sinais e a sombra da surdez como uma doença foi afastada das pesquisas. Esta perspectiva é reconhecida como uma abordagem socioantropológica, referindo-se aos surdos como pessoas que desenvolveram uma língua gestual visual e construíram normas sociais específicas (SKLIAR, 1998).

O princípio estruturante das línguas de sinais é a iconicidade (CUXAC e SALLANDRE, 2007). Sabe-se pela descrição dos estudos linguísticos que em termos da intenção do locutor, o gesto icônico ilustra a imagem do referente e o signo icônico revela o conceito do referente (LIDDELL, 2003; CUXAC e SALLANDRE, 2007). O sinal icônico ocorre inserido em um contexto discursivo específico, tornando sua interpretação impossível fora de seu contexto. Em vez disso, os signos icônicos são convencionalizados e interpretáveis fora do contexto discursivo, ou seja, são compreensíveis quando ocorrem isoladamente. Quando se refere ao conceito, a semelhança entre signo icônico e conceito nem sempre é transparente, mesmo quando motivado iconicamente. Esse fato é evidenciado pelo fato de pessoas não sinalizantes apresentam dificuldades em adivinhar o significado de sinais icônicos (KLIMA; BELLUGI, 1979; PIZZUTO; VOLTERRA, 2000), revelando que a iconicidade pode motivar a formação do sinal, mas não a determinar.

As interações sociais variadas e frequentes entre os usuários da mesma modalidade linguística podem resultar no desenvolvimento de uma língua cuja complexidade estrutural se desenvolve com o tempo (MEIR et al., 2010). É crescente os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais e seus diferentes aspectos.

Apesar da iconicidade ser central nas línguas de sinais, como mencionado acima, há diferentes formas de formas de nomear as pessoas surdas pertencentes às comunidades usuárias de línguas de sinais, o que temos denominado de “Sinal-nome” (ALBRES, 2016), como o nome da pessoa em língua de sinais. Para este trabalho, nos detivemos à história da motivação dos sinais pessoais, ou seja, dos sinais-nomes de surdos líderes da comunidade surda de Campo Grande - MS nos anos de 1960. Seleccionamos seis surdos que foram estudantes do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES.



## 2. Referencial teórico

Nesta seção, apresentamos uma breve revisão sobre as características socioculturais das comunidades surdas ao atribuir um sinal aos seus membros. De forma geral, uma maneira comum de criar sinais-nomes para pessoas é por meio de um sinal relacionado à característica da própria pessoa, como o sinal de “bigode” para o nome de um indivíduo que use bigode. Nesse sentido, a motivação do sinal pode ser vista com uma contextualização vinculada a essa característica.

O crescimento da sistematicidade linguística, que incluiu uma diminuição do uso da pantomima, uma redução da amplitude dos sinais e um aumento da economia da articulação, demonstra um processo formado na interação social que constitui um continuum. Os sinais de nome são baseados em descrições, inicialização pela configuração de mão que representa a letra do nome escrito da pessoa ou de traduções dos nomes ou sobrenomes como um empréstimo da língua escrita.

Nyst e Baker (2003) encontraram similaridades interlinguísticas na fonologia dos sinais de nome, como a preferência por sinais de uma mão e pela posição da cabeça. O estudo do Kata Kolok (KK), a partir de uma língua de sinais rural indígena sem relação com digitação da escrita, sugere fortemente que o uso de uma mão não está correlacionado à inicialização, mas representa uma característica mais geral da fonologia dos sinais de nome. Como em outras línguas de sinais, a posição da cabeça é usada com frequência nos sinais de nome do KK e da Língua de Sinais dos Países Baixos (NGT). O uso de sinais não manuais, no entanto, é notavelmente diferente. Os sinais de nome da NGT são sempre acompanhados por movimentos de boca, que estão ausentes no KK. Assim, difere de língua para língua.

Há estudos registrando práticas em que um sinal-nome é conferido e depois alterado, como também a possibilidade de a evolução do sinal-nome sofrer redução no sistema linguístico (MINDESS, 1990). Desta forma, o sinal-nome pode ser alterado ao longo da vida, uma ou duas vezes na vida de uma pessoa por algum motivo, ou pode permanecer o mesmo por anos desde a primeira vez que foi nomeado. Esse fato depende de vários fatores, se o sinal está ocasionando algum constrangimento, se a característica da pessoa mudou ou mesmo se há outras pessoas na comunidade com o mesmo sinal, o que ocasiona confusão de referência ao nomeá-la.



## 2.1. Sinais-nomes descritivos

Uma forma de atribuir um sinal à pessoa é pela descrição pessoal, o que significa que o sinal de nome é baseado na aparência física, ocupação, peculiaridade, hábito, som semelhante ao nome da pessoa ou quaisquer outras características únicas daquela pessoa. Esses sinais são icônicos, pois são motivados pela experiência visual e relacionados à representação de determinada cultura. Sinais de nome descritivos são mais comuns na Europa e em outros continentes. Estes sinais de nome podem ser acompanhados por movimentos de boca (LUTZENBERGER, 2018).

Figura 1: sinais-nomes descritivos



Fonte: Supalla (1992, p. 8)

Em termos de consciência intercultural, características descritivas podem ser ofensivas ou sensíveis para pessoas ouvintes. Por muitos anos, as comunidades surdas, em detrimento da visualidade, colocaram em segundo plano essa restrição e atribuíram sinais-nome descritivos destacando cicatrizes, e até deformidades físicas. Atualmente, temos percebido uma mudança nesse padrão cultural de mudança de sinal-nome (ALBRES, et. al. 2024).

Iconicidade é uma relação de semelhança ou similaridade entre dois domínios: forma (fonologia) e significado (semântica). “Forma” pode se referir a segmentos fonológicos que compreendem o sinal (iconicidade imagética), mas também ao modo em que elementos linguísticos são organizados com respeito um ao outro (iconicidade diagramática). “Significado” se refere tanto ao significado lexical quanto a funções mais abstratas e gramaticais, tais como pluralidade, anterioridade e outras (MEIR, et al., 2013, p. 312-3)<sup>1</sup>

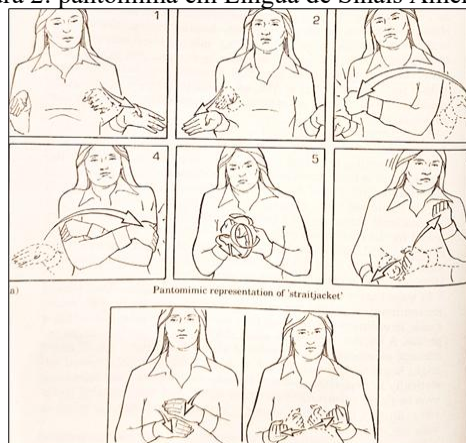
Geralmente, indica-se uma característica pontual para a motivação do sinal descritivo. Contudo, estudos dos traços icônicos demonstram que o sinal pode ter sido longo e explicativo,

---

<sup>1</sup> Tradução nossa, no original: “Iconicity is a relationship of resemblance or similarity between two domains: form (phonology) and meaning (semantics). “Form” can refer to phonological segments that comprise the sign (image iconicity), but also to the way linguistic elements are organized with respect to each other (diagrammatic iconicity).3 “Meaning” refers to lexical meaning as well as to more abstract and grammatical functions, such as plurality, anteriority and others.” (MEIR, et al., 2013, p. 312-3).

como uma pantomima e com o passar do tempo ter sido reduzido até o ponto de invisibilizar a determinação da motivação do sinal, chamado de sinal fruto de pantomima.

Figura 2: pantomima em Língua de Sinais Americana



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

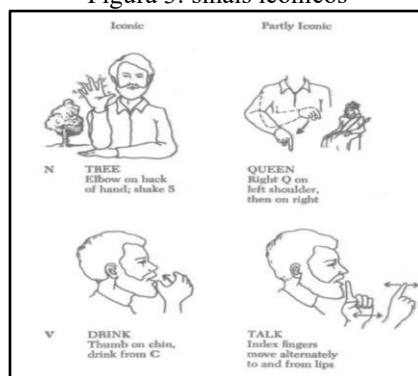
A pantomima pode envolver todo o corpo para representar uma ação, como correr no lugar ou desenvolver toda uma encenação como se estivesse representando em um teatro. Klima e Bellugi (1978), conforme figura 2, exemplificam com o sinal para “camisa de força”, que em sua origem foi produzido com grandes movimentos e em uma sequência de sinalização longa em que uma mão envolve o corpo para um lado, a outra mão envolve o corpo para o outro lado depois faz-se um movimento com mais força, prendendo e restringindo o movimento da pessoa, ajustando os braços, amarra-se e puxa o nó. Depois, quando se torna um sinal é reduzido para dois movimentos “envolver e puxar o nó” em frente ao corpo, restringindo o espaço de sinalização.

A pantomima torna-se um sinal da Língua Americana de Sinais (ASL) por meio de um processo de convencionalização, em que o uso repetido dentro de uma comunidade reduz a complexidade do gesto, adiciona elementos linguísticos e limita o movimento a áreas e articuladores específicos, como as mãos, em contraste com o uso de todo o corpo na pantomima. Esta redução no âmbito e aumento da precisão permitem que o gesto se torne um sinal lexical fixo, com uma forma e significado consistentes, em vez de uma representação pantomímica mais variável de uma ação ou objeto.

Esse fenômeno também pode ocorrer com sinais-nomes de pessoas pertencentes a uma comunidade surda. Por exemplo, quando se expressa toda a profissão da pessoa, um electricista, bombeiro, professor entre outros, sendo convencionalizado que parte de toda a gesticulação servirá para representar o sinal-nome da pessoa.

A pantomima evolui para um sinal quando 1) Articulação corporal reduzida; 2) Ocorre uma maior precisão na produção do sinal e 3) Pelo processo de convencionalização e abstração compartilhada entre os falantes de uma língua (KLIMA; BELLUGI, 1979). Esse é um longo processo para que uma pantomima se torne um sinal, a sua articulação é restrita às mãos, braços e cabeça, cabendo num “espaço de sinalização” específico à frente do corpo. As ações e formas das mãos tornam-se mais definidas e padronizadas. Um gesto pantomímico que é vago e usa uma ampla gama de movimentos pode tornar-se um sinal com uma forma e movimento precisos das mãos. Com o tempo, toda a gesticulação torna-se convencionalizada dentro de uma comunidade. Esse processo envolve abstração, em que o gesto se torna menos ligado a uma representação literal e assume um significado simbólico ou abstrato. São restritos a adoção das características linguísticas, isso inclui ter articuladores específicos (como as mãos) e as restrições espaciais que definem os sinais. Até mesmo a iconicidade pode ser mais aparente ou menos aparente. Apresentando mais atributos do objeto representado ou parte de referente, como apresentado na figura 3.

Figura 3: sinais icônicos



Fonte: Baron (1981)

## 2.2. Sinais-nomes híbridos

A outra forma é inicializada combinada com descritiva, o que significa que o sinal de nome começa com a primeira letra do nome da pessoa seguida por uma descrição da característica única da pessoa. Normalmente, uma única letra é usada, mas às vezes são usadas iniciais duplas para evitar confusão com alguém que possa ter um sinal de nome semelhante. Isso é comum na América do Norte.

O sinal abaixo é produzido com a letra M, sendo a primeira letra do nome da pessoa associada ao movimento do contorno do cabelo, formando, então, um sinal híbrido.





Figura 4: sinal-nome produzido com a letra M



Fonte: Supalla (1992, p. 86)

Nyst e Baker (2003) acrescentam que os sinais de nome da comunidade surda do Kata Kolok (KK) podem usar gestos com a boca; estes podem desambiguar sinais de nome idênticos manualmente e até mesmo formar sinais de nome independentes sem quaisquer características manuais.

### 2.3. Sinais nomes arbitrários

Sinais-nomes arbitrários são chamados também de inicializados, correspondem ao uso de letra do nome em um ponto articulatorio arbitrário (SUPALLA, 1990, p.106). Podem ser produzidos também pelo uso de uma configuração de mão sem motivação específica em um ponto articulatorio arbitrário. Supalla (1990) afirma que na década de 1970 e 1980 o sistema de sinais arbitrários de nomes foi usado de forma bastante uniforme na comunidade surda norte americana. Abaixo, um exemplo de sinal-nome arbitrário para o nome Karolina.

Figura 5: Sinal-nome produzido com a letra K



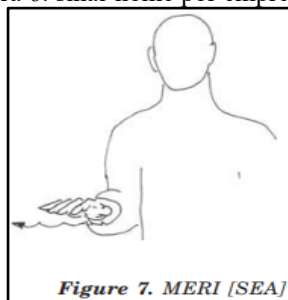
Fonte: Supalla (1992, p. 64)

### 2.4. Sinais-nomes traduzidos ou por empréstimo

Estudos recentes aplicaram categorias mais refinadas, diferenciando instâncias como traduções de empréstimos (NYST, BAKER 2003; PAALES, 2010). Nyst e Baker (2003) consideram que na categorização de nomes “traduzidos” o nome é uma tradução de parte do nome ou sobrenome da língua falada (como se escreve o nome de registro da pessoa) ou de

uma palavra associada a ela. O empréstimo está relacionado ao uso do nome na língua escrita (vocal-auditiva) do país e não da língua de sinais propriamente dito.

Figura 6: sinal-nome por empréstimo



Fonte: McKee, McKee (2000)

Assim, empresta-se da escrita a motivação para o sinal. McKee, McKee (2000) exemplificam o sinal-nome dessa categoria com o sinal-nome pessoal de Lennart Meri, o primeiro Presidente da Estônia após a restauração da independência. O sobrenome é MERI que significa [MAR], assim o sinal é derivado do significado de seu sobrenome, como ilustrado abaixo.

Um estudo chinês desenvolvido por Shun-chiu e Jingxian (1989) sobre como as crianças surdas em uma escola chinesa recebem seus sinais-nome, indica por exemplo que uma menina foi “batizada” com um sinal-nome “AMARELO” naquela língua de sinais, pois é o que significa a tradução do seu nome escrito.

### 3. Metodologia de pesquisa

Dadas as restrições de espaço do artigo, foi impossível incluir todos os surdos de Campo Grande, que somavam cerca de 500 indivíduos. Assim, a equipe optou por trabalhar com um grupo delimitado abrangendo apenas os surdos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Os sujeitos retratados nesta pesquisa são idosos ou já faleceram. A amostra foi uma amostra de conveniência.

Os dados sociolinguísticos foram construídos em pesquisa longitudinal com base em análise documental, para o recorte desta pesquisa com base na árvore genealógica dos autores deste artigo. Todos os participantes pertenciam a famílias numerosas com ouvintes, e poucos deles (apenas dois participantes) tinham irmãos surdos. As famílias dos participantes eram extensas, incluindo não apenas o núcleo paterno e materno, mas também avós, tios e primos.





Também é importante destacar que os participantes surdos do nosso projeto se conheciam desde jovens, alguns estudaram no mesmo período no Rio de Janeiro, ou seja, não viviam em um ambiente de isolamento social e privação linguística, conviviam com pessoas surdas. É essencial destacar que a interação social é crucial para a existência da linguagem e para a criação das formas de se referir às pessoas, ou seja, para a atribuição de um sinal-nome.

#### **4. História dos sinais-nomes dos líderes surdos de Campo Grande nos anos de 1950-1960**

A cidade de Campo Grande foi fundada em 1872, após o fim da Guerra do Paraguai/Guerra da Tríplice Aliança, no estado do Mato Grosso. A cidade cresceu a partir da chegada de migrantes de outros estados à procura de terras para a agropecuária, e em 1920 já era uma das cidades mais populosas do estado, com 20 mil habitantes. Em 1899 emancipou-se e devido a sua localização estratégica foi escolhida como capital do Mato Grosso do Sul, logo após a criação do estado, em 1977, com o desmembramento de terras ao sul do Mato Grosso. Atualmente tem quase 900 mil habitantes.

Os surdos, crianças e jovens que moravam na cidade de Campo Grande e tinham condições foram estudar no Rio de Janeiro antes mesmo da divisão do estado. Sabe-se que em 1946 José Ipiranga de Aquino foi o primeiro a ir para o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INES), ainda menino, com 12 anos de idade. Os surdos de Campo Grande estudam no INES de 1949 a 1970.

Neste capítulo, vamos nos deter a explicar a motivação onomástica, ou seja, o elemento que motiva a criação do sinal-nome destes jovens seguindo uma ordem cronológica, tangencialmente abordamos também a história dos surdos ex-alunos do INES.

A família Aquino era bastante tradicional e conhecida pelos filhos surdos em Campo Grande. O pai (Tomaz Duarte de Aquino) preocupado em dar-lhes alguma instrução os enviou para a escola referência para surdos na época no Rio de Janeiro, que era a capital do país.

Na infância, os irmãos Ipiranga Aquino e Geraldo Aquino eram nomeados, no seio da família, a partir de sinais descritivos bastante genéricos: “SURDO GRANDE” e “SURDO PEQUENO”. Essa nomeação, baseada em características relacionais e físicas imediatas, modificou-se quando eles ingressaram no Instituto de Surdos, no Rio de Janeiro. Pode-se dizer que os sinais-nomes “SURDO GRANDE” e “SURDO PEQUENO” fizeram parte da infância dos surdos a partir dos sinais caseiros desenvolvidos em sua família. A família era composta por pai, mãe, avó materna e irmãos. O núcleo familiar é composto por treze membros. Esse fato demonstra



que mesmo antes de irem para a escola e de participarem de uma comunidade surda maior, no âmbito familiar já tinham sinais-nomes, ou sinais para se referir às pessoas, inclusive sinais dos pais e irmãos ouvintes.

Os sinais caseiros são caracterizados como “maneiras únicas, os modos de fazer gestos ou de sinalizar de cada indivíduo, que são usados na família, em casa – daí a denominação sinais caseiros” (MATOS, 2016, p. 129). Rosa, Goes e Karnopp (2004), denominam esses sinais, usados pelos surdos para se comunicar com seus familiares ouvintes, como sinais caseiros ou domésticos. Desde o início dos estudos sobre línguas de sinais, os sinais caseiros de comunidades isoladas ou os sinais desenvolvidos por crianças surdas em meio a sua família ouvinte têm sido objeto de estudo.

Goldin-Meadow (1979) e Morford (1996) compreendem que estes sinais são estruturados como um léxico, com morfologia e regras sintáticas desenvolvidas no âmbito familiar. Para Goldin-Meadow (1979) os sinais caseiros utilizam-se de dêiticos e sinais caracterizadores. Os dêiticos são tipicamente gestos de apontar, mas com diferentes funções. Esses apontares mantêm uma forma cinésica constante em todos os contextos e são usados para destacar objetos, pessoas, lugares e similares no ambiente. Em contraste, os sinais caracterizadores são pantomimas estilizadas cujas formas icônicas variam de acordo com o significado pretendido de cada sinal. Há relações semânticas específicas que a criança surda transmite em seu sistema de comunicação gerado espontaneamente. Em princípio, as relações semânticas podem ser transmitidas em um único sinal, caracterizando em diferentes tipos de frases: ações e atributos. Uma frase de ação é usada para solicitar a execução de uma ação ou para comentar sobre uma ação que está sendo, foi, será ou pode ser executada. Em contraste, uma frase de atributo é usada para comentar sobre as características perceptivas de um objeto. Estes estudos e muitos outros mais recentes indicam a capacidade humana para o desenvolvimento da faculdade da linguagem. Atualmente se tem denominado de línguas de sinais emergentes. (FUSELLIER-SOUZA, 2016)

Importante destacar que antes da viagem ao Instituto Nacional de Educação de Surdos a família Aquino já desenvolvia uma comunicação efetiva entre seus membros, inclusive entre primos envolvidos em outros núcleos familiares que também tinham surdos. Contudo, o número de sinais se ampliou no contato com outros surdos, professores e inspetores no Rio de Janeiro. A desenvoltura em narrar e se expressar se aperfeiçoou. Os meninos da família Aquino ao retornarem à cidade de origem (Campo Grande), após concluírem os seus estudos, trouxeram os novos sinais pessoais, mais específicos e socialmente legitimados pela comunidade surda escolar. A seguir,

apresentamos a descrição dos sinais-nomes atribuídos a eles no Rio de Janeiro e suas modificações ao longo dos anos.



Figura 7: sinal-nome de José Ipiranga de Aquino



Fonte: produzido pelos autores

Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/OdoLraSW3Uo>

José Ipiranga foi o primeiro a ir estudar no Rio de Janeiro. Em 1946, aos 12 anos, em 1949 criou o grêmio estudantil, com 15 anos. Concluiu os estudos com 18 anos e voltou para Campo Grande em 1951. Concluiu a Educação Profissional formando-se em tipografia no INES.

José Ipiranga de Aquino		
Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 <p><b>José Ipiranga de Aquino</b> (1934 e 2007)</p>	 <p>Fonte: <a href="https://historiadatipografia.wordpress.com/author/historiadatipografia/page/2/">https://historiadatipografia.wordpress.com/author/historiadatipografia/page/2/</a></p>	<p><b>Motivação onomástica</b> → Profissão de tipógrafo aprendida no Instituto de Surdos.</p> <p><b>Pantomima</b> → Simulação do processo tipográfico: colocar placas, imprimir, retirar o papel e dobrar para formar o jornal.</p> <p><b>Iconicidade e Redução articulatória</b> → O gesto de dobrar o papel, tomado como traço representativo de todo o processo de impressão.</p> <p><b>Economia gestual</b> → Da pantomima completa → redução para o gesto mínimo de dobrar o papel.</p> <p><b>Cristalização comunitária</b> → O sinal de “dobrar o papel” estabiliza-se como o sinal-nome de Ipiranga, reconhecido coletivamente</p>

O sinal atribuído a Ipiranga tem origem em sua formação profissional, referente ao ofício de tipógrafo, aprendido no Instituto. A atividade do tipógrafo, centrada na manipulação



da máquina de impressão, inserindo placas com letras, preparando a base de impressão, retirando o papel e dobrando-o para compor o jornal foi representada inicialmente de forma pantomímica. Abaixo, ilustramos o contexto de convivência das oficinas no INES e o jornal produzido.

Figura 08: acervo INES - PROFISSIONALIZANTE Alunos trabalham no setor de criação de livros INES



Fonte: Rocha (2008)

A prensa tipográfica nada mais é do que uma máquina que imprime as páginas dos livros, panfletos ou jornal. As páginas são compostas pelo tipógrafo, montando uma espécie de carimbo, com os tipos móveis. Esses tipos são as letras do alfabeto, além de vírgulas e acentos em diferentes tamanhos que, quando montados, formam uma única matriz para impressão de várias páginas de um livro, por exemplo.

Seu sinal foi motivado por uma longa sequência de expressão corporal. Com o tempo, essa performance foi reduzida a um traço mínimo distintivo: o gesto de dobrar o papel ao final do processo. Esse movimento, cristalizado, passou a constituir o sinal que designa o irmão mais velho da família, o “Ipiranga”, antes denominado de “SURDO GRANDE”. Quando retornou à cidade de Campo Grande passou a trabalhar no jornal local “O Matogrossense” local até se aposentar.



Figura 09: régua de montagem das matérias usado pelo tipógrafo e o jornal



Fonte: <https://www.theparisreview.org/blog/2015/08/03/the-font-of-poetry-the-poetry-of-font/>  
<https://ihgms.org.br/hemeroteca/o-matogrossense-409>

A seguir, apresentamos a história do sinal de seu irmão Geraldo Torres de Aquino.

Figura 10: sinal-nome de Geraldo Torres de Aquino



Fonte: produzido pelos autores  
 Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/qBdGRzw9rtM>

Por sua vez, o irmão mais novo, antes denominado com “SURDO PEQUENO” foi para o INES em 1960 com 12 anos e ficou até 1964, com 15 anos. Não concluiu os estudos de formação profissional nesta instituição, retornando para Campo Grande com um novo sinal.

Geraldo Torres de Aquino

Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 <b>Geraldo Torres de Aquino</b>	 Fonte: <a href="https://brazilartes.com/indio-yanomamy-130x100cm/?srsltid=AfmBOooZQIRqLfggudGx-">https://brazilartes.com/indio-yanomamy-130x100cm/?srsltid=AfmBOooZQIRqLfggudGx-</a>	<b>Motivação onomástica</b> → Característica física (orelhas grandes) recusada; colegas recorrem a um estereótipo ligado ao Mato Grosso → “índio”. <b>Iconicidade</b> → Representação do “índio”: penas na cabeça, mão batendo na boca (cântico), pintura no rosto. <b>Reduções articulatórias</b> → Primeira redução: eliminação do gesto das penas e do cântico. Manutenção apenas da pintura no rosto. <b>Cristalização comunitária</b> → O sinal final estabiliza-se apenas com o gesto da pintura no rosto.



(1948)Nasceu em Campo Grande - MS	ch_eVNvSggGoX4Dk1Mh4RsWQOitysqD2eoY	
-----------------------------------	-------------------------------------	--

Por sua vez, no caso de Geraldo Aquino, outro irmão, a atribuição do sinal seguiu outra lógica. Ao ingressar no Instituto, sua característica física mais saliente eram as orelhas grandes, o que levou os colegas a proporem um sinal motivado por essa marca corporal. Contudo, Geraldo resistiu à aceitação dessa forma de nomeação. Posteriormente, em tom de brincadeira, os colegas passaram a associá-lo ao “índio”, por ser oriundo do Mato Grosso, região frequentemente estereotipada como vinculada à floresta. A representação gestual desse sinal envolvia inicialmente três elementos: a indicação das penas do cocar na cabeça, o movimento da mão sobre a boca em referência ao cântico indígena e à pintura no rosto usando dois dedos como se estivesse passando a pintura na bochecha. Com o tempo, o sinal foi reduzido, mantendo apenas o traço final, ou seja, o gesto da pintura no rosto, que se consolidou como o sinal pessoal.

Figura 11: sinal-nome de Joel José Faracco



Fonte: produzido pelos autores  
 Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/0aCw3sbV72k>

Joel José Faracco		
Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 <b>Joel José Faracco</b> (1939-2023)	 Fonte: <a href="https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-61414685">https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-61414685</a>	<b>Motivação onomástica</b> → relação entre “Faraco” e “Faraó”. <b>Iconicidade</b> → referência à máscara do faraó e seus símbolos. <b>Redução articulatória</b> → mudança de testa para queixo. <b>Orientação da mão</b> → de frontal para lateral. <b>Economia gestual</b> → princípio de simplificação articulatória. <b>Cristalização comunitária</b> → estabilização do sinal-nome após ajustes.



No caso do sobrenome Faraco, a soletração pelo alfabeto manual em Libras produz uma semelhança perceptiva com a palavra “Faraó”. Essa aproximação constitui a motivação onomástica (isto é, o elemento desencadeador do processo de nomeação) que leva à criação do sinal-nome. A forma atribuída remete à parte superior da máscara do faraó egípcio, cuja iconografia apresenta no centro as insígnias reais: a serpente (Uraeus ou Wadjet) e o abutre (Nekhbet). Esses elementos simbolizam o poder político sobre o Alto e o Baixo Egito, bem como a autoridade divina do faraó.

O sinal, entretanto, não permaneceu em sua configuração inicial. Ao longo do uso, sofreu processos de redução articulatória, um fenômeno recorrente na formação de sinais-nomes em comunidades surdas. Inicialmente, o gesto era realizado na testa, ponto de articulação mais alto e que exigia maior esforço físico. Com o tempo, esse ponto migrou para o queixo, garantindo economia gestual e facilitando a produção no fluxo conversacional.

Outro ajuste ocorreu na orientação da mão. Na versão original, a configuração da palma da mão era voltada para frente, evocando a serpente projetada para frente. Contudo, ao ser deslocado para o queixo, esse movimento frontal gerava dificuldades de toque. A solução foi uma leve rotação para a lateralidade, permitindo maior naturalidade na execução.

Dessa forma, o sinal-nome de Joel Faraco cristalizou-se com duas modificações principais: (1) a mudança do ponto de articulação da testa para o queixo e (2) a alteração da orientação da mão do frontal para o lateral. Esses ajustes revelam a interação entre iconicidade (a imagem do faraó como base do sinal) e funcionalidade fonológica (as adaptações que tornam o sinal mais econômico e viável no uso comunitário). Até o momento não temos a informação de quantos anos estudou no INES, formou-se em tipografia.

Figura 12: sinal-nome de Geraldo Torres de Aquino



Fonte: produzido pelos autores

Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/qDJBHGjp2aE>



Mariano, nascido no Maranhão, foi para o INES em 1952 com 7, levado por padres de uma paróquia perto de sua casa. Ele teve dificuldades de adaptação, chorava muito, voltou para casa no Maranhão, só em 1954 com 9 anos. Depois, quando maior, retornou para o INES e ficou até 18 anos. Formou-se em marcenaria no INES. Lá conheceu José Ipiranga de Aquino que o convidou para ir para Campo Grande, e ele aceitou o convite.

Mariano Chaves		
Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 Mariano Chaves (1945) Nasceu no Maranhão	Cabelo ondulado e volumoso  <a href="https://br.pinterest.com/pin/300544975150796698/">https://br.pinterest.com/pin/300544975150796698/</a>	<b>Motivação onomástica</b> → franja ondulada. <b>Iconicidade</b> → o cabelo como base imagética para o sinal. <b>Cristalização comunitária</b> → fixação do sinal-nome pela comunidade surda. <b>Identidade social</b> → cabelo como resistência às normas de moda.

Na década de 1960, predominavam os tons naturais nos cabelos, e os cortes e penteados buscavam ressaltar um estilo marcado pela naturalidade e pelo volume. No caso de Mariano, as ondas que se formavam em sua franja conferiam-lhe um traço distintivo, associado à figura do “galã”, característica que se destacava no imaginário social da época. Assim foi motivada a articulação de seu sinal-nome. Nesse período, tanto homens quanto mulheres passaram a cultivar cabelos mais longos, em um movimento que se contrapunha às normas de moda então hegemônicas. Entre os homens, rejeitava-se o corte militar, rígido e padronizado. O cabelo, assim, funcionava como marcador de identidade e estilo, situando-se na interface entre escolhas pessoais e práticas coletivas de resistência às imposições sociais.

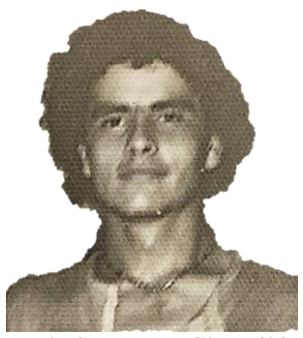

Figura 13: sinal-nome de Ademir Soares da Silva



Fonte: produzido pelos autores  
 Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/tKd57xbskiE>

Ademir foi matriculado no INES em 1962 com 9 anos de idade, permanecendo até os 18 anos (1970). Posteriormente, mudou-se para Campo Grande, motivado pela decisão de seu pai de deixar o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades. No INES, Ademir concluiu sua formação profissional na área gráfica. O seu sinal quando estudava no INES era o seu número de matrícula, ou seja, um número.

O seu pai era reconhecido como militar, o sinal para se referir a militar corresponde ao toque de todos os dedos no ombro do posto a mão da sinalizando, iconicamente representa as estrelas do uniforme, como os distintivos de ombro de fileiras militares.

Ademir Soares da Silva		
Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 <b>Ademir Soares da Silva</b> (1952) Nasceu em Porto Murtinho - MS	 <a href="https://www.sociedademilitar.com.br/2022/11/continuacao-da-portaria-do-ministerio-da-defesa.html">https://www.sociedademilitar.com.br/2022/11/continuacao-da-portaria-do-ministerio-da-defesa.html</a>	<p><b>Motivação onomástica</b> → Motivos sociais e familiares um membro familiar ou expressar uma identidade.</p> <p><b>Iconicidade</b> → representar Oficiais generais uso pai Ademir geração uso sinal um dedo.</p> <p><b>Cristalização comunitária</b> → comunidade surda sinal ademir.</p> <p><b>Identidade social</b> → Generais oficiais para economizar sinal um dedo.</p>

Nessa carreira há uma graduação, por exemplo, latina aspirante tem uma estrela apenas, platina militar E.b. Ombro Coronel tem Três Estrelas Gemadas. O pai de Ademir serviu o Exército Brasileiro e sempre utilizou o uniforme militar. Na comunidade surda, para representar “Exército”, é comum o uso de um sinal visual associado aos oficiais generais: a mão com cinco dedos apoiada no ombro. Por influência do meu pai, eu também utilizava esse sinal. No entanto, o surdo Mariano me apresentou outra variação, registrada por Ademir Soares: um dedo apoiado no ombro. Desde então, passei a adotar esse sinal.

Figura 14: sinal-nome de Edgar de Campos



Fonte: produzido pelos autores

Vídeo do sinal-nome disponível em: <https://youtu.be/nEMRYbVIcBE>

Edgar de Campos foi para o INES com 10 anos, ficou de 1959 até 1964, permaneceu na instituição até os 16 anos. Concluiu sua formação profissional na área gráfica. O seu primeiro sinal atribuído quando estudava no INEs era orelha B, depois chegando em Campo Grande MS, José Ipiranga de Aquino trocou o seu sinal para algo mais descritivo e pessoal, como ele tem região da bochecha gordinha. Nesse contexto, José Ipiranga de Aquino atribuiu o seu sinal a partir de uma característica visual de seu rosto, destacada pela curva da bochecha.

#### Edgar de Campos

Pessoa surda	Motivação visual do sinal	Descrição do sinal
 <b>Edgar de Campos</b> (1949) Nasceu em Campo Grande MS	 <a href="https://www.proprofsflashcards.com/story.php?title=anggota-badan_1">https://www.proprofsflashcards.com/story.php?title=anggota-badan_1</a>	<p><b>Motivação onomástica</b> → No rosto a característica da maçã do rosto bem delineada.</p> <p><b>Iconicidade</b> → representar visual e perceber face e destaque da maçã do rosto.</p> <p><b>Cristalização comunitária</b> → comunidade surda é José Ipiranga deu sinal representa fofinho.</p> <p><b>Identidade social</b> → Face - maçã do rosto de Edgar de Campos</p>

Relacionado ao período de estudo no INES, consideramos o importante papel social das oficinas profissionalizantes, pois foi fundamental para a construção de surdos autônomos provedores de seu próprio sustento e capacitados para formar uma família.

Figura 15: foto de curso profissionalizante de encadernação em meados de 1950

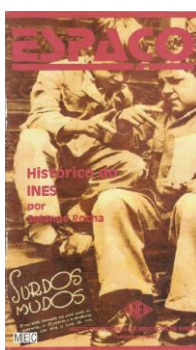


Figura 16: alfabeto manual produzido por Geraldo Soares de Almeida de 1946



Fonte: Quadro exposto nas paredes do INES no evento do COINES em 2025

Todos os meninos de Campo Grande foram para o Rio de Janeiro com o sonho de alcançar maior instrução e uma formação profissional. Talvez não esperado foi o legado da Libras e o papel de disseminar a língua com sinais mais padronizados aos outros surdos de Campo Grande. Tornaram-se referência para os jovens e inspiração para outros surdos adultos. Empregados, provendo o seu próprio sustento e o da família, tornaram-se referência como cidadãos. Atuaram em uma luta política pela educação e desenvolvimento linguístico, lideraram a criação da associação de surdos local e muitos movimentos sociais (ALBRES, et al. No prelo).



A oficina de artes gráficas do Instituto profissionalizou inúmeros alunos, abrindo um precioso campo de trabalho para eles. Muitos estruturaram suas vidas, exercendo este ofício em vários órgãos do governo ( Imprensa Nacional) e empresas privadas. A tônica do ensino com vistas à profissionalização é visível, em várias oportunidades, e registrada na revista nº 2, onde, num pequeno editorial intitulado "Como Pensamos" diz: "*A recuperação dos surdos se faz na oficina-escola (cultura-técnica). O ensino é, e precisa ser, essencialmente profissional. . . O objetivo educacional do aprendizado artífice, não é somente rudimentar o manual dos ofícios restritos às possibilidades materiais e orgânicas dos mesmos, sem organização pedagógica, nem didática. Deve ser a escola pequena fábrica, onde os educandos adquiram, na aparelhagem completa e moderna de suas instalações, o conhecimento teórico e prática dos ofícios professados*". (Diretor Dr. Mello Barreto - 1949) (Galeano, 1997, p. 22)

No INES foram produzidos dicionários que registram os sinais usados na época, como livro “Linguagem de Sinais: as mãos também falam”, “o manual apresenta parte do léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) utilizado no final da década de 1980 e algumas frases básicas formuladas na estrutura do português sinalizado”. [...] pelos Serviço de Desenvolvimento de Recursos Didáticos Pedagógicos do Instituto. Encadernado pela Oficina



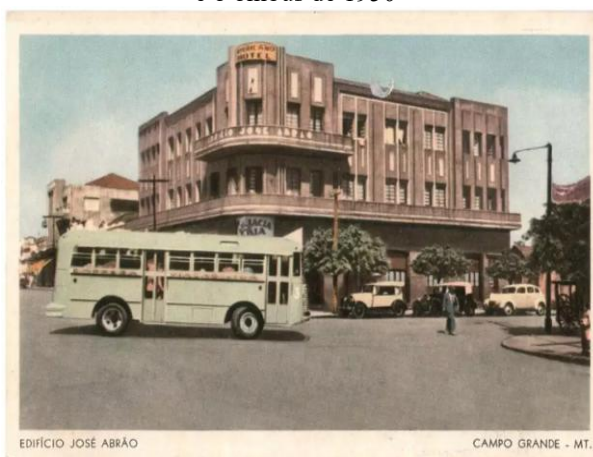
de Artes Gráficas do INES, esse documento constitui uma importante materialidade para pesquisas em Linguística Histórica ou em História dos Surdos (WITCHES, 2018, p. 196).

Figura 17: Capa do livro de sinais de 1980



Fonte: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1176/1179>

Figura 18: cartão postal da cidade: o Hotel Americano e o ônibus de 1950



Nos anos de 1960 e 1970 os rapazes formados no INES passaram a trabalhar no Jornal da cidade, em gráficas, na farmácia e em entregas em lojas de material de construção. Os momentos de lazer eram compartilhados em encontros na esquina da Rua 14 de Julho com a Rua Cândido Mariano, no centro de Campo Grande, logo abaixo do Edifício José Abrão (construído em 1939) onde ficava o Hotel Americano. Neste local ficava a farmácia no térreo onde Mariano Chaves (surdo) trabalhava.

Fonte do cartão postal: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/arquitetura-23-08-2011-08/postais-de-colecionador-mostram-como-campo-grande-dos-anos-50-era-linda>

## Considerações finais

Neste capítulo além de percorrer o objetivo principal de descrição dos sinais-nomes dos meninos de Campo Grande - MS que foram estudar no rio de Janeiro (INES) contribuimos com o registro de parte da história dos surdos desta cidade.

Constatamos com base nos sinais-nomes estudados, conclui-se que os pontos de vista narrativos e descritivos, em meio à língua de sinais em consolidação no Brasil, caracterizam a formação dos sinais-nomes da família Aquino. Assim, profissão, ações, e trejeitos transcursam

para o processo de redução de grandes expressões icônicas e pantomímicas culminando com a fusão em um sinal.

Evidenciamos que a partir de representação ampla e detalhada da atividade ou característica, com gestos encenados passam por um processo de redução, como no sinal de José Ipiranga de Aquino, Joel Faracco e Geraldo Torres de Aquino. Relação imagética entre o sinal e a referência externa (objeto, característica ou representação cultural).

Destacamos a motivação icônica dos sinais, pela relação entre a forma do sinal e a imagem/atividade que representa. Reconstruímos as reduções articulatórias pela simplificação do sinal inicial, mantendo apenas o traço mais distintivo e de fácil produção (articulação), ou seja, ocorreu a simplificação articulatória para tornar o sinal mais econômico e viável no uso cotidiano. Outro aspecto apontado foi a cristalização comunitária, dito de outra forma, a fixação do sinal-nome na comunidade surda, após ajustes sucessivos, consolidando-se como referência, garantindo estabilidade no uso social.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. A construção de sinais-nome para personagens na tradução de literatura infanto-juvenil para Libras. **Belas Infieis**, Brasília, Brasil, v. 5, n. 1, p. 73–92, 2016. DOI: 10.26512/belasinfeis.v5.n1.2016.11370. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11370>. Acesso em: 25 out. 2025.

ALBRES, N. de A.; SILVA, E. A. de Ol. da; TERRAZAS, C. M. L.. Análise de sinais-nomes da comunidade surda de campo grande: um estudo sociolinguístico. **Anais do Congresso Internacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais** (Copels: Linguística), realizado no período de 07 a 11 de outubro de 2024. Disponível em: <https://publicacao.copels.com.br/.../article/view/68/474>

ALBRES, N. de a.; SILVA, E. A. de O. da; TERRAZAS, C. M. L.. Um breve panorama da história da educação de surdos de Campo Grande -MS. In: VIEIRA-MACHADO, Lucienne. et al (org.). **Mosaico da história da educação de surdos no Brasil** : Região Centro-oeste. Coletânea: Reexistências históricas. Itapiranga: Schreiben, 2025 (NO PRELO).

CUXAC, C., SALLANDRE, M. A. “Iconicity and Arbitrariness in French Sign Language (LSF): highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity,”. In **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies**, eds Pizzuto E., Pietrandrea P., Simone R. (Berlin: De Gruyter Mouton;), 13–33. 2007.

FUSELLIER-SOUSA, I. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil e em Belém. **II Seminário Internacional sobre Acessibilidade e Educação Especial de l'UFPA** , 2016, Belém-PA, Brazil.

GALEANO, E. **Introdução. Edição comemorativa - 140 anos do INES**. Revista espaço. edição especial. Colaboração Solange Rocha. Belo horizonte: Editora Limer. 1997. 32p.



GOLDIN-MEADOW, S. Structure in a Manual Communication System Developed Without a Conventional Language Model: Language Without a Helping Hand. In: WHITAKER, Haiganoosh (org.). *Studies in Neurolinguistics. Volume 4. Perspectives in Neurolinguistics and Psycholinguistics*. Nova York: Academic Press, 1979, pp. 125-209. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780127463049500100>

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language**. Cambridge (MA): Harvard Un. Press. 1979.

LADD, Paddy. Understanding deaf culture: In: **Search of deafhood**. Sydney: Multicultural Matters. 2003.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press. 10.1017/CBO9780511615054. 2003.

Lutzenberger, H.. Manual and Nonmanual Features of Name Signs in Kata Kolok and Sign Language of the Netherlands. **Sign Language Studies**, 18, 546 - 569. 2018. repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/195666/195666.pdf

MATOS, P. do S.da S.. **Gestos de surdos e ouvintes: o contar história sem uso da voz**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016.

McKEE, R. L.; McKEE, D. Name Signs and Identity in Deaf Communities in New Zealand Sign Language. In: Metzger, M. (ed.) **Bilingualism and Identity in Deaf Communities**, Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 2000. p.3–40

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W. **Competing iconicities in the structure of languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

MEIR, I., SANDLER, W., PADDEN, C., ARONOFF, M. Emerging sign languages. In: **The Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education**, Vol. 2, eds Marschark M., Spencer P. E. (New York, NY: Oxford University Press; ), pp.267–280. 2010.

MINDESS, A. What Name Signs Can Tell Us about Deaf Culture. In: **Sign Language Studies**, n.66, p1-23 Spr, 1990.

MORFORD, J. P. Insights to language from the study of gesture: A review of research on the gestural communication of non-signing deaf people. In: **Language & Communication**. Volume 16, Issue 2, April 1996, Pages 165-178. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0271530996000080>

NYST, V. A. S., and A. Baker. 2003. The Phonology of Name Signs: A Comparison between the Sign Languages of Uganda, Mali, Adamorobe, and the Netherlands. In **Cross-linguistic Perspectives in Sign Language Research**, ed. A. Baker, B. van den Bogaerde, and O. Crasborn, 71–80. Hamburg: Signum.

PAALES, L. On the System of Person-Denoting Signs in Estonian Sign Language: Estonian Name Signs. **Sign Language Studies** 10(3). 2010. 317–35.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. In: Wilcox, Sherman (Ed.). **American deaf culture: an anthology**. Burtonsville: Lindtok Press, 1989.





PIZZUTO, E., VOLTERRA, V.. “Iconicity and transparency in sign languages: a cross-linguistic cross-cultural view,” in *The Signs of Language Revisited: An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima*, eds Lane H., Emmorey K. (Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers), pp 261–286. 2000.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro, INES, 2008.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação. 1998.

SUPALLA, S. J. The Arbitrary Name Sign System in American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, vol. 67, 1990, p. 99-126. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/sls.1990.0006>.

SUPALLA, S. J. **The book of name signs naming in American Sign**. 1992.

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1kGMMybyFFDhFz3PhbnGsInj5vvhxH8meGq>

WITCHES, P. H. **Visitando o acervo do INES**. Revista Espaço, Nº 50, p.196. 2018.